

**PARQUE IBIRAPUERA**  
Pavilhão Bienal 3º andar São Paulo  
telefone 573.5255  
visitação terça a domingo, 12 às 18 horas

**FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO**  
**Museu de Arte Contemporânea**  
Diretora: Ana Mac Barbosa  
**Divisão de exposições temporárias**  
Diretor: Agnaldo Arico Caldas Farias  
Exposições temporárias: Maria Izabel M. R. B. Ribeiro  
Secretaria: Elaine Cristina Costa Almeida Flores

Idealização e Curadoria: Lisette Lagnado  
Projeto Gráfico: Camila Fix Korbivcher  
Tradução: Alberto Dwek  
Revisão: Vera Filinto  
Desenho Espaço Expositivo: Camila Fix Korbivcher  
Desenhista: Sandra Lia Giunesi  
Estagiários: Beatriz O. Vasconcellos, Elaine Rodrigues, Ricardo Pessan  
Produção: Ricardo Rezende  
Montagem: João C. da Fonseca, Marcelo R. das Neves, Nelson Messias Junior, Robson de Souza Barbosa.

**AGRADECIMENTOS**  
Agnaldo Farias, Alberto Dwek, Ana Mae Barbosa, Camila Fix Korbivcher, Eduardo Brandão, Isabella Arcuschin, Luciana Brito, Marcantonio Vilaça, Maria Inês Sodré Cardoso, Marina Salomé, Regina Silveira, Rômulo Fiadini.

**Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo / 09 de Setembro - 31 de outubro 1993**

# A PRESENÇA DO READYMADE • 80 ANOS



Rômulo Fidélis

## PENSAMENTOS READYMADE

Ana Mae Barbosa

"Take an object. Do something to it. Do something else to it". Jasper Johns

Museus são o abrigo prototípico do conceito de ready-made. Ao tirar os objetos de seu contexto e recontextualizá-los no espaço do museu os museólogos e curadores transformam seu significado e mesmo sua aparência. O discurso do Museu conduz os objetos à condição de ready-made. Quanto ao Museu de Arte, ele é a pia batismal do ready-made. O deslocamento do objeto de sua função cotidiana e sua entronização no museu, lugar de arte, confere a ele valor de arte. A maior ou menor complexidade e a elaboração transformática do sistema de significação é o termômetro avaliativo da qualidade da obra. Para o original pensador de Chicago, Samuel Messick, surpresa, satisfação, saboreo e estimulação são os parâmetros avaliativos do ready-made. O julgamento destas qualidades será feito pelo público. Ao público se dirigia Marcel Duchamp quando ampliando seu conceito de ready-made propunha aqueles que o ouviram em New York a visualização do prédio da Woolworth como o maior ready-made da cidade e as vitrines da livraria Gotham como museu ready-made. Numa exposição de ready-made mais do que em qualquer outra os objetos falam e falam línguas estrangeiras em relação à sua língua original assim como os artistas falam através dos objetos, colonizando-os e/ou libertando-os de seu limitado universo semântico. Parafraseando Arnheim podemos dizer que ready-mades são objetos transicionais dos artistas "par excellence".

### READYMADE THOUGHTS

"Take an object. Do something to it. Do something else to it". Jasper Johns

Museums are the prototypical shelter of the ready-made concept. As they take the objects out of their contexts and reset them in the context of the museum space, museum directors and curators transform their meaning and even their appearance. The museum discourse leads its objects to the ready-made condition. As to the art museum, it is the ready-made baptismal font. The displacement of the object's daily function and its enthronement in the museum, a place of art, confers upon it a value of art. The greater or lesser complexity and the transformative elaboration of the system of meaning is the evaluating thermometer of the work's quality. To Chicago's original thinker Samuel Messick, surprise, satisfaction, taste and stimulation are the evaluating parameters of ready-made. The judgment of those qualities will be made by the public. Marcel Duchamp addressed the public when, as he amplified his concept of ready-made, he proposed to those who listened to him in New York the visualization of the Woolworth building as the greatest ready-made in town and the showcase of the Gotham bookstore as a ready-made museum. In a ready-made exhibition more than in any other the objects speak and speak foreign languages as well as the artists speak through the objects, colonizing them and/or freeing them from their limited semantic universe. Paraphrasing Arnheim we may say that Ready-mades are the artists' transitional objects "par excellence".

## A PRESENÇA DO READYMADE, 80 ANOS

Lisette Lagnado

Em 1913, as balizas da arte estremecem. Marcel Duchamp (1887-1968) usa uma roda de bicicleta montada sobre um banquinho, criando uma nova categoria de objetos, o ready-made. A seguir, apresenta a obra "Fonte", um desconcertante urinol que escandaliza o meio artístico e desde então a história da arte passa a reproduzir esse gesto. Nesse percurso de oitenta anos, objetos investidos de arte proliferaram. Como caracterizar os fundamentos da atividade póstuma duchampiana?

De natureza dadaista, o ready-made se impõe para discutir o lugar da arte, abole a dimensão estética e procura introduzir um objeto neutro numa zona até então pouco explorada, a dimensão da reflexão do espectador. No final dos anos 50 e início de 60, o ready-made é assimilado pela pop art e passa a ser confundido com sensualidade e glamour. Quando, nos anos 70, artistas conceituais substituem à noção de "pintura-pintura" uma "pintura de idéias", a chave duchampiana ganha uma nova inflexão. Mais tarde, a crescente warholização da arte, culminando na "síndrome Jeff Koons", traz para a contemporaneidade o culto do "ato artístico" (conceito primordial para Duchamp, colocado em oposição ao "fazedor" de obras), que, por um desvio quase perverso, vem desembocar no culto à personalidade.

Nas experiências dadaistas, cubistas, futuristas, pop e conceituais, a crise do objeto no sistema de consumo (seus excessos, a obsolescência programada, o design etc.) se torna um problema para a massa cultural. O ready-made de Duchamp ergue o objeto ao estatuto de nome próprio e o resultado é um deslocamento de significado que produz uma outra identidade - em última instância uma consciência crítica do objeto.

**BARRÃO**  
**CILDO MEIRELES**  
**EDGARD DE SOUZA**  
**GUTO LACAZ**  
**JAC LEIRNER**  
**LEDA CATUNDA**  
**LYGIA PAPE**  
**LIA MENNA BARRETO**  
**MARCOS CHAVES**  
**NELSON LEIRNER**  
**NINA MORAES**  
**REGINA SILVEIRA**  
**ROBERTA FORTUNATO**  
**ROSANGELA RENNO**  
**VALESKA SOARES**  
**WALTERCIO CALDAS**

**THE PRESENCE OF READYMADE, 80 YEARS**  
In 1913, the art stakes quiver. Marcel Duchamp (1887-1968) uses a bicycle wheel mounted on a little stool creating a new object category, the ready-made. Afterwards, he presents "Fountain", a disconcerting urinal that scandalizes the art scene, and since then art history has been reproducing that gesture. In this eighty-year path, art invested objects have proliferated. How to characterize the foundations of Duchampian posthumous activity?

Dadaistic in nature, ready-made prevails in the discussion of the art place, abolishes the aesthetical dimension and tries to introduce a neutral object in a zone as yet unexplored, the dimension of the spectator's reflection. At the end of the 50's and beginning of the 60's ready-made is assimilated by pop art and gets to be mistaken with sensuality and glamour. When in the 70's conceptual artists substitute a "painting of ideas" for the notion of "painting painting", the duchampian key gains a new inflection. Later, a growing warholization of art which culminated in the "Jeff Koon syndrome" brings to contemporaneity the cult of the "artistic act" (a primordial concept to Duchamp, as opposed to the "maker" of works) which by an almost perverted deviation leads to the personality cult.

In dadaistic, cubistic, futuristic, pop and conceptual experiences the object's crisis in the consumption system (its excesses, its programmed obsolescence, its design and so on) becomes a problem to the cultural mass. Duchamp's ready-made raises the object to the statute of proper name, and the result is a displacement of meaning which produces another identity - ultimately a critical awareness of the object.